

Rita Ochoa

ARQUITETURA NO FEMININO?



ACADEMIA DAS CIÊNCIAS
DE LISBOA

FICHA TÉCNICA

TÍTULO

ARQUITETURA NO FEMININO?

AUTOR

RITA OCHOA

EDITOR

ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA

EDIÇÃO

DIANA SARAIVA DE CARVALHO

ISBN

978-972-623-353-4

ORGANIZAÇÃO



ACADEMIA DAS CIÊNCIAS
DE LISBOA

Academia das Ciências de Lisboa

R. Academia das Ciências, 19

1249-122 LISBOA

Telefone: 213219730

Correio Eletrónico: geral@acad-ciencias.pt

Internet: www.acad-ciencias.pt

Copyright © Academia das Ciências de Lisboa (ACL), 2018

Proibida a reprodução, no todo ou em parte, por qualquer meio, sem autorização do Editor

ARQUITETURA NO FEMININO?

Rita Ochoa

(CIES-IUL/UBI; MA Mulheres na Arquitectura)

Resumo

Onde estão as mulheres arquitetas? Onde estão as mulheres arquitetas nas universidades? Como se ensina arquitetura? Que mulheres arquitetas são dadas a conhecer? Como se desconstruem automatismos no fazer arquitetura e no fazer cidade? Pode a arquitetura modelar mentalidades?

Recusando-se especificidades em arquiteturas de homens e em arquiteturas de mulheres, propõe-se primeiramente uma reflexão acerca de problemáticas gerais ligadas ao exercício da profissão, pelas mulheres. Paralelamente, propõe-se um olhar pelas universidades, como lugares onde ocorre a aprendizagem das práticas e papéis profissionais. Por fim, apresentam-se algumas iniciativas que têm trabalhado para contrariar as invisibilidades a que as mulheres arquitetas têm sido votadas.

Abstract

Where are the women architects? Where are the women architects in the universities? How is taught architecture and which women architects are spread? How can be deconstructed certain automatisms in the making of architecture and city planning? Can architecture model mentalities?

Refusing specificities in both men and women architectures, this paper proposes first a reflection about general problematic related with the practice of the profession, by women. In parallel, it is proposed a look by the universities, as places where occurs the practical learning and the professional roles. Finally, it is presented some initiatives that have been worked to counter the invisibilities that women architects have been voted on.

1. Onde estão as mulheres arquitetas?

Ao mesmo tempo que a arquitetura e a sociedade em geral se têm vindo a abrir à perspetiva de género, permanecem assimetrias entre homens e mulheres na profissão, não tanto em termos de equilíbrio numérico, mas em termos de ocupação de postos hierarquicamente superiores, bem como de visibilidade profissional. Em Portugal, apesar de na atualidade as mulheres representarem cerca de 44% dos inscritos na Ordem dos Arquitetos, elas não detêm uma visibilidade equivalente à dos seus colegas homens (Mulheres na Arquitectura, 2018). Saindo do panorama nacional e atentando à cronologia do Prémio Pritzker, um dos mais relevantes prémios atribuídos na área da arquitetura, constata-se que dos 40 prémios concedidos até hoje, apenas 3 foram atribuídos a arquitetas e já no século XXI:

Em 2004, a Zaha Hadid (sendo o único prémio concedido a uma mulher isoladamente);

Em 2010, a Kazuyo Sejima, da dupla de arquitetos japoneses SANAA;

Em 2017, a Carmen Pigem, do trio de arquitetos espanhóis RCR.

Também é importante mencionar o caso de Denise Scott Brown, autora de projetos de arquitetura e urbanismo em parceria com o marido e arquiteto, Robert Venturi, com quem assinou igualmente a obra “Learning from Las Vegas”, de 1972. Apesar de todo este trabalho

conjunto, só ele recebeu o Prémio Pritzker, em 1991. Esta falta de reconhecimento gerou alguma indignação, sendo que, já em 2013, se realizou uma petição no sentido de Denise Scott Brown ser *a posteriori* reconhecida com o Prémio (a qual foi recusada).

Até à atualidade, nos Estados Unidos, apenas 18% de premiações (AIA, ACSA e o já referido Pritzker) foram atribuídas a mulheres (Arquitetas Invisíveis, 2018). Mas o anonimato das mulheres arquitetas não ocorre apenas no exercício da profissão. Também na academia ele é notório. Nas escolas de arquitetura portuguesas, embora o número de mulheres nos corpos docentes tenha vindo a aumentar, estes ainda se encontram muito masculinizados (Antunes, 2012; Sales Oliveira e Ochoa, 2015). Esta masculinização do corpo docente e particularmente na disciplina de Projeto¹ facilita a passagem de estereótipos e a ausência de referências femininas, estando em parte ligada ao facto de as mulheres arquitetas raramente serem mencionadas. Paralelamente, nos manuais de História da Arquitetura quase não constam mulheres. Por fim, o contato ao longo do curso com mais homens que mulheres e a discussão das práticas profissionais maioritariamente com homens pode contribuir para uma associação quase automática, da prática da arquitetura como um trabalho de homens (Sales Oliveira e Ochoa, 2015).

Mas a masculinização do ensino não ocorre apenas na área da arquitetura. Apesar de no ensino superior, em geral, se verificar a ideia de que a desigualdade de género não existe e que distribuições assimétricas, a haver, se devem unicamente a processos de escolha ou mérito, vários estudos têm demonstrado o contrário, trazendo à discussão assimetrias e segregações, de vários âmbitos (Estrada, 2001; Sales Oliveira e Villas-Boas, 2012). De facto, apesar de um generalizado equilíbrio numérico entre homens e mulheres nas universidades, a presença de mulheres em cargos de gestão é manifestamente mais reduzida e diminui em função da escala hierárquica. E se, por exemplo, é possível identificar algumas diretoras de cursos em escolas de arquitetura em Portugal (Pedrosa, 2015), já no Conselho de Reitores das Universidades Portuguesas (CRUP), apenas têm assento 3 mulheres (Universidade de Évora, Universidade Católica Portuguesa e muito recentemente ISCTE-IUL), numa totalidade de 15 reitores. Também a presença de mulheres no topo das carreiras é reduzida. Em Portugal, na área da arquitetura, o número de mulheres catedráticas é largamente inferior ao de homens.

2. Como se contrariam invisibilidades?

Para contrariar desigualdades entre homens e mulheres em contexto académico, algumas universidades têm vindo a introduzir planos de igualdade de género. A Universidade da Beira Interior foi a primeira universidade pública portuguesa a apresentar, em 2011, um plano de igualdade de género, designado como *Ubigual*. Este plano promove anualmente, por via de uma comissão formada para esse efeito, a Comissão de Igualdade de Género, um diagnóstico caracterizador da instituição e dos grupos que a compõem: docentes, trabalhadores não docentes e discentes, sob uma perspetiva de género. Segundo o *Ubigual*, a

¹ Por norma, a disciplina de Projeto contempla o ensino da prática da profissão, é comum a todos os anos do curso de Arquitetura e é a que possui mais carga horária, pelo que é comumente considerada a mais importante. Como nota e como reflexo da própria abertura da profissão a outros campos e formas de trabalhar, urge questionar este protagonismo e/ou a forma como tradicionalmente é conduzida a disciplina.

UBI é das instituições públicas onde a masculinização dos docentes é mais elevada, nomeadamente em departamentos como o de Engenharia Civil e Arquitetura, onde se inclui a Arquitetura.

Para contrariar invisibilidades na profissão, bem como para discutir desigualdades dentro da mesma, vários movimentos têm surgido um pouco por todo o mundo. No Brasil, o coletivo *Arquitetas Invisíveis*² é uma iniciativa de um grupo de estudantes de arquitetura e urbanismo da Universidade de Brasília, que enuncia como objetivos das suas iniciativas “ampliar o repertório dos estudantes e profissionais de arquitetura e urbanismo e, ao mesmo tempo, incitar a discussão sobre gênero no meio acadêmico e profissional” (Arquitetas Invisíveis, 2018). Na sua plataforma *online*, é possível conhecer diversas arquitetas mulheres, apresentadas segundo as seguintes categorias: “Pioneiras”, “Arquitetas”, “Urbanismo”, “Arquitetura sustentável”, “Trabalho Social”, “Paisagismo e “Nas sombras”.

Também a plataforma *Un dia una arquitecta*³ tem vindo a realizar um trabalho que consiste em, ao longo de temporadas de 365 dias, publicar o trabalho de uma arquiteta, por dia. Mais uma vez, a iniciativa visa dar visibilidade ao trabalho de arquitetas que pelo facto de serem mulheres não tiveram o seu lugar na história (Un dia una arquitecta, 2018). Também aqui são propostas diferentes categorias: “Projeto arquitetónico, urbano e paisagístico”, “Tecnologia”, “Curadoria y publicaciones”, “Produção artística”, “Política”, “Gestão do habitat social” e “Teoria e ensino”.

A importância destes e de outros levantamentos, para além de dar visibilidade a nomes não reconhecidos, é a de criar bases de investigação para estudos sobre mulheres arquitetas, construindo referências para as novas gerações, dando a conhecer as respetivas obras e aumentando a representatividade.

No campo da discussão de género em arquitetura e urbanismo aumentam as organizações e iniciativas, das quais se pode destacar as estado-unidenses *Equity by Design*⁴ e *ArchiteXX*⁵, a australiana *Parlour*⁶, ou a muito recente *Asociación de Mujeres Arquitectas de España*⁷.

Surgem ainda iniciativas com objetivos mais específicos, como o trabalho da organização brasileiras *Elas da FAU*⁸, da Universidade de Brasília, que faz o mapeamento sobre a participação das suas alunas no mercado de trabalho ou da *Arquitetas Negras*⁹, que à discussão sobre género acrescenta a discussão de raça dentro da arquitetura e do urbanismo no Brasil.

² <https://www.arquitetasinvisiveis.com/>

³ <https://undiaunaarquitecta3.wordpress.com/>

⁴ <http://eqxdesign.com/>

⁵ <https://www.architexx.org/>

⁶ <http://archiparlour.org/>

⁷ <https://www.cscae.com/index.php/es/actividades/4787-amae-asociacion-de-mujeres-arquitectas-de-espana>

⁸ <https://www.facebook.com/Elas-da-FAU-2061569840765858/>

⁹ <https://www.facebook.com/arquitetasnegras/>

Por fim, diversos eventos por todo o mundo têm abordado com relativa frequência a discussão de género na arquitetura. Para dar exemplos recentes, destacam-se a jornada de visibilização *Hai Architectas*¹⁰ levada a cabo no passado mês de maio de 2018 pelo Colegio de Architectos de Galicia, ou o Congresso *MoMoWo Women's Creativity Since the Modern Movement*¹¹, realizado em Turim no passado mês de junho de 2018.

3. Mulheres na Arquitetura em Portugal

Em Portugal, para contrariar a invisibilidade das mulheres arquitetas e para discutir problemas ligados à profissão surgiu em 2017 a associação Mulheres na Arquitetura. Esta associação resultou da união de nove mulheres¹², de diferentes áreas relacionadas com a arquitetura e colocando como objetivos a reflexão, a investigação, a comunicação, a formação e a divulgação no âmbito da igualdade de género nas várias práticas implicadas no fazer arquitetura, cidade e território (Antunes, 2018).

A associação dedica-se a ações sobre: (1) as (in)visibilidades, desconstruções de género e propostas alternativas dentro das profissões relacionadas com o espaço e da educação/pedagogia; (2) as teorias e práticas feministas nas diversas vertentes e componentes da arquitetura e do urbanismo (espaço público, habitação, mobilidade, segurança, ...); (3) as políticas urbanas e urbanísticas (municipais, regionais e nacionais) com enfoque de género; (4) as representações do corpo na cidade e relações do corpo com o espaço; (5) as questões de género nas esferas arquitetónicas e urbanas.¹³

Trabalhando em rede com outros organismos, a associação Mulheres na Arquitetura integra a Plataforma Portuguesa para os Direitos da Mulheres (PpDM)¹⁴ e a Rede de Desenvolvimento Local de Base Comunitária (DLBC)¹⁵. Dentro das principais atividades já desenvolvidas destaca-se o ciclo de Conferências “Arquitectas: Modo(s) de (r)existir”, o qual ocorreu entre Setembro de 2017 e Março de 2018 no Teatro São Luiz em Lisboa. Este ciclo teve o apoio da Ordem dos Architectos, da Comissão para a Igualdade de Género (CIG) e da Presidência da República Portuguesa. Cada sessão foi dedicada um tema da disciplina arquitetónica, o qual foi comentado por um conjunto de convidados, nomeadamente a

¹⁰ <http://portal.coag.es/coag/xornada-hai-arquitectas-hay-arquitectas/>

¹¹ <http://www.momowo.eu/>

¹² Fundadoras: Ana Catarino, Ana Jara, Joana Braga, Joana Pestana Lages, Lia Gil Antunes, Luísa Paiva, Patrícia Santos Pedrosa, Rita Ochoa e Sofia Castelo.

¹³ Objetivos genéricos da Associação Mulheres na Arquitectura, extraídos de um pré-Manifesto, em elaboração.

¹⁴ A Plataforma Portuguesa para os Direitos das Mulheres é uma associação de carácter social, cultural e humanista, que tem como membros Organizações Não Governamentais pelos Direitos das Mulheres. Mais informação em <http://plataformamulheres.org.pt/>

¹⁵ A Rede de Desenvolvimento Local de Base Comunitária (DLBC) é “*uma abordagem territorial, através da qual são implementadas Estratégias de Desenvolvimento Local (EDL) concebidas por Grupos de Acção Local (GAL) com uma estreita ligação ao tecido social, económico e institucional de cada território, visando o desenvolvimento, diversificação e competitividade da economia e a melhoria das condições de vida das populações (...) visa promover, em territórios específicos, o desenvolvimento local e a diversificação das economias de base rural e das zonas pesqueiras e costeiras*”. Mais informação em <http://www.centro.portugal2020.pt/index.php/dlbc-desenvolvimento-local-de-base-comunitaria>

profissão, o projeto e a obra, a investigação e o ensino, a prática em expansão, a política e no fim uma sessão especial intitulada “Women|Architecture|Re:evolution”.

Conclusão

No âmbito deste artigo (e para explicar o ponto de interrogação colocado no título previamente formulado pelo Ciclo de Conferências IEAAM *Arte no Feminino*) assumiu-se desde logo: não se considera que exista uma arquitetura no feminino e uma arquitetura no masculino. Ou que existam sequer especificidades em arquiteturas feitas por mulheres e em arquiteturas feitas por homens. Sendo os indivíduos todos diferentes será natural que as respetivas arquiteturas tenham determinadas identidades e características, independentemente de serem realizadas por mulheres ou por homens.

Dentro da discussão sobre igualdade de género e no âmbito dos movimentos analisados, o que tem vindo a ser reivindicado é um equilíbrio não apenas numérico, mas também em termos de visibilidade e de acesso ao poder. De facto, se em algumas instituições e organismos o número de mulheres e homens tende já a ser equilibrado, o mesmo não acontece no que concerne à distribuição de mulheres e homens em cargos de gestão. Ou à distribuição de mulheres e homens em determinadas áreas de conhecimento, ainda muito vedadas às mulheres. O que se irá refletir, mais uma vez, na invisibilidade das mulheres, nessas mesmas áreas. É um ciclo vicioso.

Por fim e voltando à arquitetura, torna-se fundamental salientar a importância do ensino e das escolas na formação dos futuros arquitetos. Porque se é inegável o papel do arquiteto na configuração das nossas cidades, é também deveras importante a formação e os valores que esses mesmo arquitetos recebem, na construção da sua própria cidadania. A forma como se ensina arquitetura; os modelos e eventuais estereótipos transmitidos aos estudantes; as mulheres arquitetas que (não) são dadas a conhecer... Por estas razões, as escolas podem e devem contrariar invisibilidades. Podem e devem desconstruir formas enraizadas de fazer arquitetura e de fazer cidade. Cabe aos professores, conjuntamente com os alunos, fazer esse trabalho. Neste sentido, as universidades têm o poder de promover o debate. De contribuir, afinal, para sociedades mais igualitárias e também por isso mais evoluídas.

(Conferência apresentada no Instituto de Estudos Académicos Adriano Moreira, no ciclo de conferências Arte no feminino, a 15 de janeiro de 2018)

Bibliografia

ANTUNES, Lia Gil, *Arquitectura: substantivo feminino. Contribuição para uma história das mulheres na arquitectura*, Dissertação de mestrado, Coimbra, Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, 2012.

ANTUNES, Lia Gil, *Paths of resistance: "Women in Architecture" Association in Portugal*, em *Actas da Conferência Internacional MoMoWo Women's Creativity Since the Modern Movement*, Politécnico de Turim, 13-16 junho 2018.

ARQUITETAS INVISÍVEIS, *Por que invisíveis?*, 2015. Consultado em: Maio 2018. Disponível em: <https://www.arquitetasinvisiveis.com/por-que-invisiveis>

ESTRADA, Rolando, *O processo do planeamento estratégico e a cultura organizacional das instituições públicas de ensino superior*, em *XXI Encontro Nacional de Engenharia de Produção e VII Internacional Conference on Industrial and Operations Management*, 2001. Consultado em: Fevereiro 2015. Disponível em: <http://www.ead.fea.usp.br/eadonline/grupodepesquisa/Publica%C3%A7%C3%B5es/rolando.html>

MULHERES NA ARQUITECTURA, *Arquitectas: Modo(s) de (R)existir. Sinopse do Ciclo de Conversas*, Lisboa, OA.SRS/CML/São Luiz Teatro Municipal, 2017. Consultado em: junho 2018. Disponível em: http://www.teatrosaoluiz.pt/catalogo/detalhes_produto.php?id=768

PEDROSA, Patricia, *Arquitectas: ensaio para um manual revolucionário*, *Arte Capital*, 2014. Consultado em: Maio 2018. Disponível em: http://www.artecapital.net/arg_des-114-arquitectas-ensaio-para-um-manual-revolucionario

SALES, Catarina e OCHOA, Rita, *Padrões de género no curso de mestrado integrado em arquitetura da UBI*, comunicação apresentada no 2nd *International Congress on Architecture and Gender: Matrices*, Lisboa, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 18-21 março 2015.

SALES, Catarina e VILLAS-BOAS, Susana, *Igualdade de Género na Universidade da Beira Interior*, *Ex aequo*, 25, 119-136, 2012.

UN DIA UNA ARQUITECTA, *Acerca de*, 2018. Consultado em: maio 2018. Disponível em: <https://undiounaarquitectura.wordpress.com/acerca-de/>